

TRABALHO, VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO DE MOTOBOYS DE SALVADOR

Ludmilla Oliveira Ramos*

RESUMO: *O objetivo do trabalho é analisar os tipos, formas e efeitos da vitimização de trabalhadores de moto-entrega em Salvador. Para isto foram realizadas 48 entrevistas, trinta e nove com motoboys, cinco policiais dedicados à repressão de delitos com motocicletas e quatro com donos de empresas de entrega. Os motoboys constituem uma categoria de trabalhadores que trabalha efetuando entregas e transporte de encomendas em lugares diversos, utilizando uma moto como instrumento de trabalho. Devido ao fato desta categoria exercer suas atividades no espaço público, disputando o espaço das ruas com outros motoristas e transportando valores atrativos para o crime, ela está exposta a muitos tipos de conflitos e agressões. Os principais tipos de vitimização são causados por motoristas, que não aceitam ou se sentem ameaçados pelas manobras dos motoboys no trânsito, e por infratores interessados no furto e no roubo da motocicleta e de demais valores transportados pelos trabalhadores. Além disso, o motoboy vive um processo de criminalização por fazer parte de uma categoria bastante visada pelos policiais devido ao alto índice de delitos cometidos com motocicletas. Recomenda-se a realização de novos estudos sobre a categoria, debate sobre a utilização de corredores de trânsito por motocicletas e sobre outras condições para o exercício das atividades pelos motoboys.*

Palavras-chave: Motoboys; Vitimização

INTRODUÇÃO

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o motoboy é um motociclista que trabalha no transporte de documentos e pequenos volumes, coletando e entregando documentos, valores, mercadorias e encomendas. Realiza serviços de pagamento e cobrança, roteiriza entregas e coletas. Localiza e confere destinatários e endereços, emite e coleta recibos do material transportado. Preenche protocolos, conduz e conserta veículos. Atua em empresas diversas, bancos e escritórios em geral.

Geralmente, é um empregado temporário eventual que trabalha individualmente, com supervisão permanente. Trabalha em veículo, a céu aberto, nos períodos diurno e noturno. Está sujeito a intempéries, a gases de combustão de veículos, posições desconfortáveis por longos períodos e estresse constante, principalmente quando enfrenta o trânsito das grandes cidades. É uma ocupação em expansão no mercado de trabalho, principalmente nos grandes centros, como resposta às dificuldades de trânsito.

O projeto de pesquisa “TRABALHO, VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO DE MOTOBOYS DE SALVADOR” estuda a violência ou vitimização relacionada ao trabalho que resulta do crescimento da economia de serviços e da violência social difusa, que se expressa em agressões psicológicas, morais e físicas contra trabalhadores que exercem suas atividades com o público, manipulam valores, fazem deslocamentos constantes, trabalham sozinhos e em horários noturnos.

O estudo identifica os tipos, formas e conseqüências da violência ou vitimização relacionada ao trabalho para a ocupação e identidade da categoria dos motoboys, levando em conta as estratégias e práticas destes trabalhadores para enfrentar estes riscos e a responsabilização associada aos mesmos.

* Bolsista do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, estudante do Curso de Secretariado Executivo na Universidade Federal da Bahia. ludmillasecretariado@gmail.com. Orientador Prof. Eduardo Paes Machado.

A estratégia metodológica utilizada foi a pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semi-estruturadas e da observação direta de aspectos da ocupação. Na falta de estimativas precisas ou de uma listagem dos indivíduos que compõem uma categoria com aproximadamente 6.000 pessoas, segundo o sindicato dos trabalhadores, selecionou-se os entrevistados de acordo com três critérios: tipos de subatividades (entregadores de alimentos diversos, gás, medicamentos, peças, realização de pagamentos, serviços bancários e outras), turno de trabalho (diurno e noturno) e distribuição sócio-espacial das atividades entre as grandes subáreas urbanas de Salvador (Orla, Miolo e Subúrbio Ferroviário).

A observação direta foi focalizada nos pátios ou estacionamentos dos estabelecimentos comerciais que fazem entregas, buscando identificar a rotina de trabalho e os padrões de sociabilidade dos trabalhadores. Também foi realizada uma viagem na garupa de uma moto para compreender as facilidades e dificuldades da condução deste veículo no trânsito para a realização de entregas, incluindo procedimentos de segurança adotados como o uso de capacetes.

Os relatos e narrativas obtidos foram classificados, sistematizados e interpretados conforme categorias de análise elaboradas a partir do referencial teórico, do instrumento de pesquisa e das especificidades do próprio material coletado.



Motoboys no exercício de seu trabalho

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

A categoria dos motoboys é bastante diversa pelo fato do único requisito para o exercício profissional ser saber pilotar moto, dispensando outras exigências como experiência anterior, “boa aparência” e, em algumas situações, até habilitação para pilotar este tipo de veículo.

Os motoboys entrevistados estavam representados por pessoas negro-mestiças, solteiras, relativamente jovens, predominantemente do sexo masculino, com nível de escolaridade correspondente ao ensino médio e tempo de serviço variando de seis meses a seis anos na atividade. Todos eram proprietários de veículo, sem vínculos empregatícios e não pagavam INSS.

Diferente da maioria dos trabalhadores em que o ambiente de trabalho é um espaço físico delimitado, os motoboys passam a maior parte das suas horas de trabalho no espaço público das ruas, expostos ao trânsito e às agressões de terceiros, como motoristas, pedestres, infratores e, nos espaços privados, de clientes. Por conta da imagem pública negativa da categoria e do crescimento de delitos praticados com motocicletas, a categoria é discriminada pelo público e criminalizada pela polícia.

1. Vitimização nos espaços públicos

Os motoboys passam grande parte das suas horas de trabalho no espaço público das ruas, expostos ao trânsito caótico e desordenado de uma grande cidade como Salvador. Nestes momentos, eles se tornam vítimas de motoristas, pedestres e infratores, o que não impede que eles também se comportem como agressores.

1.1 Motoristas

Os motoristas, principalmente de carros, são responsáveis pela grande maioria das queixas dos motoboys no seu dia-a-dia no trânsito. Muitos destes últimos afirmam que existe uma guerra cotidiana nas ruas e que a relação entre motoboys e motoristas é a pior possível. Os conflitos estão relacionados com a utilização dos corredores de trânsito e as manobras dos motoboys (*costurar*) no trânsito, os quais são agravados pelos congestionamentos constantes, desrespeitos pelas regras de trânsito e incivilidade generalizada.

Ao lado disto, eles reclamam que os motoristas não os respeitam, “jogam o carro em cima”, fecham a moto, nunca dão prioridade, sempre desconfiam que são ladrões, e os acham imprudentes e responsáveis pelos acidentes de trânsito. Uma expressão deste tratamento negativo por parte dos motoristas é a atitude destes fecharem os vidros dos carros quando notam a aproximação dos motoboys. Como resposta, alguns motoboys declararam que buscam revidar por meio de xingamentos, ameaças verbais e vandalização dos carros.

1.2 Pedestres

Os conflitos com pedestres são devido a estes atravessarem fora da faixa, não prestarem atenção na moto antes de atravessar a rua ou transferirem para o motoboy a responsabilidade pela segurança no trânsito, como fazerem desvios ou terem que se preocupar com os lugares imprevistos em que aqueles costumam descer dos ônibus.

1.3 Infratores

A grande maioria dos motoboys entrevistados já foi furtada ou assaltada. Os assaltos visam a própria moto ou o produto transportado. Quando o assalto é apenas da moto, afirmam que são roubadas para fazerem assaltos ou para desmanchar a moto com a finalidade de vender as peças no mercado paralelo e ilegal. As empresas exigem moto própria para contratação e, apesar da grande facilidade de compra da moto, ela é o instrumento de trabalho da categoria e, por isso, às vezes tentam negociar com o assaltante. Quando a moto é da própria empresa o cuidado é mínimo.

Existem muitas situações, entretanto, em que o alvo é o produto transportado, como mercadorias ou dinheiro. Nesse sentido, os assaltos acontecem principalmente com aqueles que transportam malotes ou realizam pagamentos em banco.

2. Vitimização nos espaços privados

Os motoboys fazem muitas queixas acerca do tratamento que recebem dos clientes e mesmo dos zeladores, porteiros e vigilantes de prédios que cerceiam seu acesso aos primeiros. Em prédios de classe média, na maioria das vezes, é proibida a entrada do entregador na residência do cliente para evitar assaltos e o produto é entregue ao porteiro, mas nas outras residências o motoboy chega a entrar na casa do cliente, onde acontecem discriminações e principalmente assédios.

2.1 Clientes

Os motoboys que realizam entrega de pizzas e remédios são as maiores vítimas de assédio e discriminação por necessitarem de um maior contato com os clientes para entregar e receber o pagamento pela mercadoria.

Os assédios, por sua vez, são cometidos por mulheres e homens (sem distinção de classe social ou idade) e homossexuais.

3. Riscos

Apesar do risco de violência no ambiente de trabalho estar disseminado entre as mais diversas ocupações e ramos de atividades, existem categorias ocupacionais que concentram um maior número de características e situações que, segundo NIOSH (1996), favorecem a violência. No caso dos motoboys é a jornada de trabalho nos espaços públicos, manipulação de valores, trabalho em horário noturno e efetuação de entregas em locais perigosos.

Embora os motoboys tenham consciência dos grandes riscos da ocupação, a dificuldade de emprego e, ao mesmo tempo, a facilidade para ingressar na atividade de moto-entrega fazem com que eles persistam na mesma. O quadro abaixo resume alguns riscos citados pelos entrevistados devido à atividade exercida:

Acidentes	Bueiros destampados	Linha de arraia com cerol*
Agressão física	Cachorro na rua	Lixo no chão
Agressão verbal	Chuva	Óleo na pista
Ameaças	Discriminação	Policiais
Assaltos	Esgotos abertos	Quedas
Assédios	Fechada de carros	Ruas com assaltos danificados
“Atropelamento” por carros	Fechada de ônibus	Ser confundido com ladrão
Bola de futebol	Homicídio	Tentativa de linchamento

*Cerol: é uma mistura de cola de madeira com vidro moído usada em linhas de arraias (pipas).

4. Responsabilização

Em geral, os motoboys percebem os acidentes e os assaltos como os principais riscos da ocupação, e muitos deles utilizam-se de mecanismos defensivos para conviver com os mesmos, racionalizando, negando, projetando a culpa em terceiros ou assumindo total passividade diante do perigo.

4.1. Por acidentes

Quando ocorrem acidentes os próprios trabalhadores arcam com os prejuízos ou transferem estes para seus familiares e amigos. As empresas nem sempre oferecem plano de

saúde ou seguro de vida para não assumirem responsabilidade por uma categoria que sofre acidentes constantemente.

Como os motoboys recebem um salário médio de R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais) mais as comissões por entrega, eles buscam retornar rapidamente ao trabalho depois que sofrem acidentes ou assaltos, comprometendo o tempo que necessitariam para se recuperar em termos físicos ou psicológicos.

4.2 Pelos crimes

Quando são vítimas de crimes, as empresas solicitam a oficialização da queixa por meio do Boletim de Ocorrência e normalmente arcam com um valor preestabelecido no contrato de trabalho para cobrir este tipo de eventualidade, o qual pode variar entre R\$ 980,00 (novecentos e oitenta reais) e R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Se o valor do crime passar do preestabelecido, o próprio trabalhador arca com os prejuízos.

5. Criminalização

A criminalização dos trabalhadores acontece por muitos crimes serem cometidos com o uso da motocicleta, divulgação destes crimes na mídia e pelas próprias imprudências e infrações de trânsito cometidas por eles. Conseqüentemente, os motoboys são fortemente criminalizados pela população e pela polícia.

Os entrevistados relatam que são vistos como ladrões, matadores e que constantemente sentem-se constrangidos nas ruas.

Por parte dos policiais, por sua vez, ainda existem os agravantes do modelo da moto ou da cor da pele do motoboy. As motos mais baratas são mais visadas e os motoboys de pele negra mais discriminados.

6. Medidas de Segurança

Os motoboys assumem algumas atitudes defensivas para evitar assaltos. Utilizam travas e cadeados para manter a segurança. Essas medidas são tão essenciais que um dos entrevistados até muda as peças da moto para dar uma aparência de mais velha. Algumas empresas também utilizam táticas de segurança como não permitirem a realização da entrega em locais de risco ou rastreamento de ligações oriundas destes locais, para evitar que o motoboy seja assaltado na sua atividade.

CONCLUSÃO

O estudo confirmou resultados da literatura especializada sobre a violência ou vitimização relacionada ao trabalho, aportando conhecimentos sobre os riscos de uma categoria ocupacional cujo crescimento, nos centros urbanos brasileiros, vem se fazendo às custas da flexibilização das relações de trabalho, aumento da insegurança e responsabilização dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO de Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. 2006. Disponível em:<<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5191-10>> Acesso em: 20 abr. 2006.

NIOSH – National Institute for Occupational Safety and Health. Violence in the workplace: risk factors and prevention strategies. Washington, DC, NIOSH, 1996. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/niosh/violcont.html>> Acesso em 10 mar. 2006.